

**CAAMAÑO, José Manuel, *Conversaciones con Marciano Vidal*.  
Madrid: PPC, 2016, 208 p.**

Este digno volume é um valioso exercício de teologia moral. Corresponde a uma excelente ideia da editora PPC, de José Manuel Caamaño, professor da Universidade de Comillas, e, naturalmente, de Marciano Vidal, que se dispôs a percorrer a sua vida de sacerdote e de teólogo durante muitas horas de recordação dos momentos bons, a maior parte, e dolorosos, alguns, da sua já longa vida. O resultado é uma entrevista-livro de um autor que muito trabalhou e muito tem para contar. Quem se dedica à teologia não pode deixar de percorrer este livro com sofreguidão. Mas a pessoa comum pode ler também com muito interesse este percurso pessoal da figura mais marcante da teologia moral de língua hispânica, pois nela se condensa a intriga do que foi esse capítulo da teologia, antes e depois do Concílio Vaticano II.

Dividido em cinco partes, o livro vai progredindo pela biografia de Marciano Vidal, desde as suas origens na fronteira entre Leão e Galiza, passando pela sua formação teológica, pela experiência dos anos da celebração do Concílio Vaticano II, pela trajetória académica e correspondente produção das obras do autor, sem esquecer o momento mais delicado deste percurso que foi o processo que o Padre Vidal teve de enfrentar e a que teve de responder, movido pela Congregação para a Doutrina da Fé, aí por 1998. A obra concluiu-se com um belo momento prospectivo em que o grande moralista tenta perceber o futuro da fé e da Igreja e faz a sua confissão de esperança no futuro do mundo a crescer para o Reino de Deus, apesar de todas as sombras visíveis no horizonte.

Habilmente conduzida, a entrevista faz ressaltar a característica principal do pensamento do autor de *Moral de atitudes*: o seu enraizamento antropológico quer dizer que a bondade moral coincide com a perfeição da realidade, apreendida pela nossa razão, realidade que brota da bondade divina. Daí a preocupação do P. Vidal de se socorrer dos dados mais fiáveis das ciências humanas, da filosofia, sobretudo da que se pratica em Espanha, enfim, do melhor da sabedoria do mundo que é o lugar onde se alicerça a novidade do cristianismo. Este ponto liga o pensamento do autor de *O lugar teológico da ética* ao melhor da tradição tomista e do seu realismo moderado.

Resulta, pois, desta entrevista de vida um fresco do imponente trabalho de Marciano Vidal que honra a cultura teológica hispânica e ibero-americana. O trabalho não está ainda terminado, pois o autor tem entre mãos a conclusão de um projeto em vários volumes que faz um levantamento exaustivo de todas as fontes do pensamento teológico-moral, e que é precioso para quem se dedica a esta matéria. E ousamos dizer que o P. Vidal se coloca no papel de capitanear um exército de investigadores cuja missão seria cultivar um pensamento moral que, desde a Europa do Sul, pudesse dar um imprescindível contributo à Igreja e ao mundo. De facto, há um filão inesgotável que parte da Grécia antiga, sobretudo de Aristóteles, passa por S. Tomás de Aquino e S.<sup>to</sup> Afonso de Ligório, e que pensa de um modo bem original e fecundo. Ora, este pensamento necessita de ser trazido para a ribalta. Ele constitui-se como complementar de outro, mais visível, que vem do Norte

e tem como figuras maiores Martinho Lutero e Kant, o qual, pela sua tendência para o rigorismo, é fonte de algumas das dificuldades com que se debate a Europa e mesmo a Igreja de hoje. A tradição mediterrânica tem virtualidades para pensar o mundo de forma menos idealista e mais apta para a aproximação dos povos e para a escuta de Deus. O idealismo nórdico é tentador, mas é dado a cavar depressões e a abrir fendas insanáveis. As gentes do Sul, mais expostas ao sol e à benignidade do mar Mediterrâneo, têm outra forma de ver a vida, menos disciplinada, mas mais equilibrada. Por isso, não devem ter complexos em propor o seu modo de vida e de pensamento.

É nesta direção que a obra do P. Vidal nos parece legível nas atuais condições da Igreja e do mundo. Ele é um grande caminhante, na linha hispânica de Quixote, simultaneamente confiante na empresa da moralização e desconfiado dela, que abre caminhos que muitos

outros podem seguir e aperfeiçoar com proveito. As perguntas e perplexidades da bioética de hoje, do caminho incerto das democracias, o programa do Papa Francisco e a sua visão da Igreja frente ao futuro podem encontrar na linha teológica em que se inscreve Marciano Vidal uma inspiração muito útil.

Há muita coisa para fazer e por fazer em teologia moral. O que Bernhard Haering e outros fizeram para o Norte da Europa ele fez para o Sul, ou seja, a apresentação da reflexão moral da Igreja segundo as exigências da cultura do nosso tempo, superando o abstratismo do período pós-tridentino, que teve o defeito de se preocupar mais com a formação das tropas (os ministros da Igreja) do que com iluminar o sentido das batalhas a combater (a fidelidade do mundo ao Evangelho). Chegou a hora de fazer isto e de o fazer com a coloração mediterrânica de uma sabedoria mais poética do que militante, mais orante do que combativa, mais benigna que intolerante.

Jorge Teixeira da Cunha